

Passado no presente: memória e identidade

Pasado en el presente: memoria y identidad

The past in the present: memory and identity

Maria Cecília França Lourenço

*Profa. Dra. Titular, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ USP, São
Paulo, capital/BRA. mcfloure@usp.br*

Resumo

O desafio proposto para a edição número 15 da *Revista ARA USP* volta-se ao tema: “Memória e representação do passado recente”. Neste século, há pouco, o cuidado com a memória sofreu inúmeras mudanças, cujas razões e ações se deseja debater. Remanescentes locais, regionais, nacionais, entre outros, foram valorizados, por órgãos preservacionistas no próprio território e no âmbito mundial. Uma série de Sítios Arqueológicos em dois países da América Latina foram selecionados para se visitar: Peru e Bolívia, ante o tratamento singular dado à diversidade étnica e cultural, que apresentam. O Brasil contrasta com tal postura, na busca de se reconciliar criticamente com o passado, porém, ainda assim a memória age, como se constata nas convulsões de segmentos postos à margem.

Palavras-Chaves: Passado. Memória. Identidade. Preservação. Ruínas.

Resumen

El desafío propuesto para el número 15 de la Revista ARA USP se centra en el tema: "Memoria y representación del pasado reciente". En este siglo, justo ahora, el cuidado de la memoria ha sufrido numerosos cambios, cuyas razones y acciones queremos discutir. Los remanentes locales, regionales y nacionales, entre otros, fueron valorados por los organismos conservacionistas en su propio territorio y en todo el mundo. Varios sitios arqueológicos en dos países latinoamericanos han sido seleccionados para visitar: Perú y Bolivia, debido al tratamiento único que se le da a la diversidad étnica y cultural que presentan. Brasil contrasta con esa postura, en la búsqueda de reconciliarse críticamente con el pasado, pero aun así la memoria actúa, como se puede ver en las convulsiones de segmentos colocados en los márgenes.

Palabras-Clave: Pasado. Memoria. Identidad. Preservación. Escombros.

Abstract

The challenge proposed for issue number 15 of the ARA USP Journal focuses on the theme: "Memory and representation of the recent past". In this century, just now, the care of memory has undergone numerous changes whose reasons and actions we wish to debate. Local, regional, and national remnants, among others, were valued by preservationist bodies in their territory and worldwide. A number of Archaeological Sites in two Latin American countries where selecting to visit: Peru and Bolivia, due to the unique treatment given to the ethnic and cultural diversity they present. Brazil contrasts with such a posture, in the search to reconcile itself critically with the past, but still memory acts, as can be seen in the convulsions of segments placed on the margins.

Keywords: Past. Memory. Identity. Preservation. Debris.

INTRODUÇÃO

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p. 16)

O empenho de equipes e o apoio estatal junto ao patrimônio cultural anterior à chegada de Cristóvão Colombo (1492) fundam algo recente e diverso na América Latina. Alguns legados alçaram-se ao status de bem nacional, como a Huaca Pucllana, no Peru, em 2017. Outro, “Tiwanaku: centro espiritual e político” boliviano, tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade, segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2000, após outros¹. Como se documentará, este desde 2006, serviu para atos políticos distintos e, assim, reavivaram-se símbolos e identidades de povos originários da nação. As mutações são lentas, mas deixam traços de variadas

¹ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) listou entre 1987 a 2014 os bens bolivianos: Cidade de Potosi (1987); Missões Jesuíticas dos Chiquitos (1990); Cidade histórica de Sucre (1991); Forte de Samaipata (1998); Parque Nacional Noel Kempff Mercado e, na mesma data, Tiwanaku: centro espiritual e político (2000); Qhapaq Ñan – Sistema viário andino (2014).

questões, algumas das quais serão aqui interpretadas, com foco em certas razões quanto ao apreço ou ao desprezo ao passado.

Constituem esforço internacional para incentivar países a valorizar bens e adotar postura mais inclusiva de suas etnias. Deseja-se inquirir: por que decorridos mais de 500 anos, apenas recentemente certas ruínas latino-americanas foram alçadas a bem comum e em frações do território ibérico²? De início reitera-se a hipótese acima, formulada por Maurice Halbwachs (1877-1945), de que as lembranças permanecem coletivas, ainda que desprezadas por alguns. Mesmo assim, elas seguem sendo ativadas por outros e, acrescento: apesar de encobertas, ruínas, continuam a ser investigadas e localizadas em distintos países, até a atualidade³.

Ademais, ficam dúvidas: por que métodos e práticas patrimoniais diferem tanto, em territórios contíguos, como os latino-americanos? O empenho na valorização indicaria oposição, por ter ocorrido primeiramente na etapa de inúmeros governos ditatoriais, em que comumente justificavam violências, na chave de medidas para extirpar supostos inimigos e favorecer futuro melhor à população? Ou, significaria reação precoce, a despontar já no século passado, contra o colonialismo?

Curiosamente, as ruínas peruanas e bolivianas conquistaram atenção, inicialmente por estrangeiros, como bem se informa o Museu do Sítio Pucllana⁴, nas postagens. No entanto, para além de estudiosos das áreas envolvidas, este recebe muitos grupos formados por público local, nacional e internacional. Cabe lembrar que fecharam na pandemia, sendo reabertos com controle sanitário, no ingresso e, desta maneira, geraram vários interesses, sejam de estudantes ou de visitantes em geral.

² Agradeço o trabalho de revisão de Ana Paula Nascimento e Anna Maria Rahme.

³ Notícia amplamente divulgada, em 3 de setembro de 2023, anunciou que equipe interdisciplinar de peruanos e japonesas encontrou novas ruínas, à primeira vista, anteriores aos Incas, na região de Cajamar, situada a 900 km ao Norte da capital do Peru, Lima.

⁴ O site lista inúmeros profissionais, tanto locais quanto estrangeiros, a iniciar no século 19, o médico, antropólogo, nascido na Alemanha, Ernst Middendorf (1830-1908), que documentou partes, enquanto vários outros no seguinte, pesquisaram a área. Entre estes, o arqueólogo de Dresden/ALE, Max Uhle (1856-1944), que desde 1892 percorreu Bolívia e Argentina; e, em 1978, a etnóloga e historiadora nascida no Peru, com pai polonês e mãe peruana, Maria Rostworowski (1915-2016).



Figura 1: Vista Geral “Tiwanaku: centro espiritual e político”. BOL. Foto A. 28 jul. 2023.

Desde o século 19 iniciaram-se escavações, em países como Peru e Bolívia, cooperando para inserir novo sentido, ou como se diz em países de língua espanhola, foram “puesta en valor”. A expressão é interessante, porquanto para originar atenção torna-se imprescindível apontar criticamente os valores, tanto do passado quanto os que iluminam o presente para se almejar um futuro distinto. Ressalve-se que algumas intervenções com acréscimos e simplificações sofreram restrições por alegação de perda de autenticidade. Pergunta-se: quais as ações que mais colaboraram para despertar a atenção para essas ruínas? No século 19 havia uma voga romântica de volta ao passado, mas, e nos seguintes?

A atração incluiria anseio de se fazer renascer algo emudecido, apagado, totalmente distante do presente, uma espécie de ferida aberta e descoberta em certos territórios urbanos de grandes capitais? Nos locais mencionados, há paisagens incomuns e fantásticas, tendo cooperado para várias lendas. Entre tantas, lembre-se aquela formulada por negacionistas sobre a chegada de astronautas à Lua. Para estes, na verdade teriam tirado fotos no Vale da Lua, distante 12 quilômetros da capital boliviana, La Paz, a sudeste do centro, com seus picos arenosos talhados por ação de ventos, resultando em paisagem similar à lunar.



Figura 2: Vale da Lua, BOL. Foto A. 30 jul. 2023.

Longo tempo histórico nos separa do período pré-colombiano, anterior mesmo aos sempre lembrados Incas, Maias e Astecas. Merecem especial atenção edificações, cerimoniais de povos originários, para o luto, lutas, símbolos e legados do passado, que restaram encobertos em plena cidade, como no caso de Lima/Peru. Este país tem longa tradição no trato museal da arqueologia, porquanto, já em 1822 criou o atual Museu Nacional de Arqueologia, Antropologia e História do Peru. Acompanha a atuação preservacionista a implantação de museus, dentro de ciclo a envolver salvaguarda, pesquisa e difusão para distintos segmentos societários.

Os inúmeros museus nessas cidades andinas congregam destacado acervo originário embora os sítios arqueológicos tenham sido antes saqueados, até o século passado. Ressalte-se o trabalho ímpar das equipes e suporte das instituições e alguns governos andinos, para garantir a preservação de locais, como o Museu de Sítio Huallamarca (1960) ou o de Pucllana (1984), assim como, aquele singelo, a unir desde o nome, os ditos Ritos Andinos, longe do espetáculo midiático. O foco é preservar as culturas de povos postos à margem das nações por muitos anos, vítimas de memórias apagadas.



Figura 3: Pirâmide e Museu de Sítio Huallamarca. Figura 4: Museu Ritos Andinos, Andahuaylillas. PER. Fotos A. 26 jul. 2023.

O contraste com o Brasil se evidencia ao se lembrar de que apenas em 19 de julho de 2023 lançou-se a versão da Constituição brasileira, na língua Nheengatu, do tronco tupi-guarani, no Município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Como se constata, isto se deu após 35 anos de sua promulgação (1988), revelador do tardio apreço à brasilidade dos povos originários. Mobilizaram-se indígenas do Médio Rio Negro e Alto Tapajós, por ação destacada de Rosa Weber, então presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com excelentes resultados, por ampliar o valor simbólico de atos reparatórios e inclusivos.

Sublinhe-se que, o último censo divulgado (2010) entre nós, registrou a presença de cerca de 897 mil indígenas, remanescente da ampla dizimação sofrida. Afinal eram cerca de 3,5 milhões, quando da chegada dos europeus, no fim do século 15, somando na época presente apenas 0,5% do total de demais habitantes no país, com 305 etnias, 274 idiomas falados no território, sendo o tronco linguístico com maior número o tupi⁵ e o macro-jê, além do português, mas se continua avaliando esta como a única língua.

Estas constatações levaram-me a analisar, neste estudo, os sítios arqueológicos no Peru e no hoje denominado Estado Plurinacional da Bolívia⁶, valorizados de forma

⁵ Relembre-se que o nome ARA homenageia o tupi-guarani, palavra esta a significar ‘tempo’, tendo sido selecionado pelo Grupo Museu/Patrimônio.

⁶ Oficialmente denominado Estado Plurinacional desde 2010, nas demais referências a seguir, se usará Bolívia. Recorde-se que La Paz constitui sede administrativa, em que funcionam os poderes executivo e legislativo e a cidade de Sucre, é capital constitucional do país, lá estando o poder judiciário.

peculiar pelo poder, instituições e por seus habitantes, sendo também reconhecidos em vários âmbitos, como se buscará esclarecer. Ações atuais se constituem, em práticas qualificadas e representadas nos sítios andinos, nas quais se preserva a memória e se reforça o valor de acolhimento das identidades singulares, a incluir conjuntos e técnicas construtivas, a desafiar abalos naturais.

Por outra parte, nos sítios arqueológicos mantem-se fluxo controlado de grupos a se revezar, evitando colocar o bem e as pessoas em risco iminente, assim defendendo o processo preservacionista, a abarcar: o que foi salvaguardado, conservado, restaurado e difundido para diferentes grupos. São países com abalos sísmicos, mas pirâmides têm resistido⁷, graças a diversos fatores a incluir o sistema construtivo, paradigmáticos, como se procurará abordar.

Cultivam, atenção e reflexão, longe do espetáculo midiático, em que sobra público desatento diante do passado, querendo apenas cenas favoráveis para selfies. Gestores tentam, desta maneira, precaver-se do que pode gerar acidentes, para ambos, via mercantilização e imperícia. A disputa pela memória se encontra em muitas ações efetivas e tem sido interpretada por variadas conceituações. Há análises acerca de sua origem, efeitos, falhas, amnésia, distúrbios, entre tantos, realizando par com seu oposto o esquecimento, a envolver inúmeras áreas do saber.

Chama a atenção, nas terras Andinas do Peru e da Bolívia, a pujança construtora dessas culturas, fecundas na elaboração de complexos edificadas. Como assinala a organização “*Arqueologia del Peru*”, que reúne e difunde pesquisas, a chegada de grupos nômades data de cerca de 12.000 a.C., no entanto, logo se incluíram inúmeras e complexas edificações. Pesquisa recente (11/04/23) divulgada pela Universidade de Cambridge informa que totalizam 135 sítios arqueológicos no altiplano andino da Bolívia, na maioria ligados à produção e pesquisa agrícola.

⁷ Informe em 28 de maio de 2021, do Instituto Geofísico do Peru, órgão do Ministério do Ambiente, o país passou por mais de 140 terremotos de alta magnitude, sendo 15 deles acima de 8° na Escala de Richter. Cita que, já em 1586, se deu tremor em Lima e Callao com cerca de 8.6° na referida Escala.

Os povos originários andinos, viveram em cavernas, usaram o fogo, elaboraram armas e ferramentas, cultivaram o solo em sítios onde se localizam remanescentes de seus legados. Entre estes se encontram as ruínas do Vale Sagrado: Puma Punku; Ollantaytambo; Moray; Huchuy Qosqo, também em regiões, como Pikimachay, Telarmachay, Amotape, Lauricocha, Cueva del Guitarrero, Pachamachay, Toquepala, Chivateros, La Cumbre. Muitos foram erigidos em degraus com muros de contenção em pedras locais, segundo se informa destinados a experimentos agrícolas, como se observa no Sítio Arqueológico de Moray (Figura 5), em que os níveis são circulares.

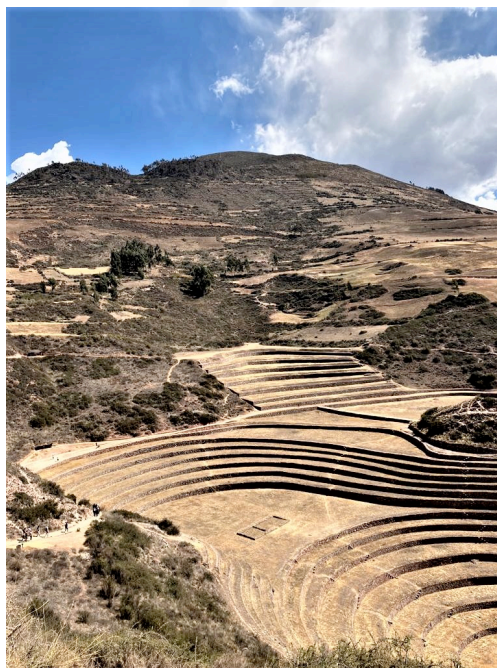


Figura 5: Sítio Arqueológico de Moray. Situado a 3.500 metros acima do mar. Região de Cusco/PER. Foto A. 24 jul. 2023.

O Peru vem valorizando os povos originários e, prova disso, se dá em 2015, quando se exigiu grafia precípua de cada uma das etnias, em documentos oficiais, a critério dos interessados. A diversidade compreende 24% da população geral segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Fato extremo se constata no Paraguai, na mesma fonte, país este em que também placas e sinalização urbanas mantêm a língua guarani original. Antes, na Bolívia, em 2005, além do espanhol, língua oficial do Estado, se adicionaram a dos referidos povos. Decidiu-se então que governos departamentais devem utilizar pelo menos duas línguas oficiais,

sendo uma o castelhano. A outra fica a critério ante o uso, conveniência, circunstância, demanda e preferências de quem solicita.

A Constituição boliviana de 2009, no artigo 5^o determina que tal norma se estenda à comunicação, serviço público, bancário, comércio, sinalização urbana e escolas, que devem incorporar termos, alfabetos, das culturas locais. As ações geram amplitude político-social, alcançando aquelas memórias caladas, ocultas, reprimidas e recalçadas pela história oficial. Povos e etnias passam a ser visíveis, assim, se amplia e acolhe o rol de identidades historiadas e transmitidas desde as escolas. Por outra parte, a memória nunca foi tão abordada, o que pode indicar, que ela está ameaçada, nestes tempos em que existem doenças nesse campo e despontam máquinas com ‘memórias tecnológicas’, cada vez mais potentes. Neste estudo nos deteremos em parte do conjunto⁸, a partir de pensadores e conceitos interpretativos e mais atinentes ao objeto em foco. Preferiu-se utilizar a terminologia de Walter Benjamin (1892-1940), no clássico texto de 1936 sobre “O Narrador”. Comparou as duas memórias, ou seja, a do romancista e a do narrador, concluindo que aquela: “[...] é consagrada a um herói, uma peregrinação, um combate, a segunda a muitos fatos difusos.” (1987, p. 211).

Inúmeros territórios na América Latina no século 20 vivenciaram momentos graves ante poderes locais distantes das premissas democráticas. Caberia aqui a Tese número 6, no texto sobre Conceito de História de Walter Benjamin, em que introduz o termo reminiscência e sublinha a importância do passado, não para se romantizar na condição de algo que não voltará, mas sim para se avançar. Afirma: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (1987, Tese 6, p. 224).

⁸ Entre tantos, lembro o filósofo Henri Bergson (1849-1951) em “*Matéria e memória*” na edição inicial de 1896; ou Marcel Proust (1871-1922), em seu texto “*Em busca do tempo perdido*”, a relacionar memória e olfato. Acrescento Jacques Le Goff (1924-2014), no ensaio “*Memória*”, em que faz ampla retrospectiva, desde a Antiguidade e em várias latitudes, sobre o trato do tema.

Os que se desejam aprofundar na questão da memória encontram também subsídios em Maurice Halbwachs, na obra póstuma, “A memória coletiva” (1950), em que relaciona memória com a coesão social de grupos, como família, religião e classe. Assim, não aborda a memória individual, então aviltada pela Segunda Guerra Mundial. Essa opção leva-nos à supor que isso se deve ao momento em que escreveu e que coincidiu com a iminente chacina a frações étnicas, associado ao temor do esquecimento. Afinal ele próprio foi detido pela Gestapo, na invasão de Paris/FRA e morto em um campo de concentração em Buchenwald/ALE.

Paul Ricoeur (1913-2005) debate a questão proposta por Halbwachs da soberania de uma memória coletiva e defende a importância do “esquecimento”, ou seja: “[...] o esquecimento é o desafio por excelência oposto à ambição de confiabilidade da memória” (2007, p. 425). Sobre a relação da memória individual ligada à coletiva, estudada por Halbwachs, discute: “[...] a ideia da espontaneidade de um sujeito individual de recordação pode ser denunciada como ilusão, é porque ‘nossas percepções do mundo exterior se sucedem segundo a mesma ordem de sucessão dos fatos e fenômenos materiais’[...] (2007, p. 132).

Destaque-se a pensadora Ecléa Bosi (1936-2017), que dedicou a vida ao ensino, pesquisa e extensão⁹, junto ao Instituto de Psicologia/USP. Militante, elegeu questões sociais, com foco em fragilizados, desde o meio ambiente, mulheres, trabalhadores e, em especial, velhos. Bosi motivou-se, pelo tema com recorte laboral, em segmento de pessoas com mais de 70 anos (2001, p.27) e moradoras na cidade de São Paulo, como explicita no início do livro “*Memória e Sociedade: lembranças de velhos*”. Partiu de entrevistas e sublinha a força das recordações e memória, cuja frase a seguir bem sintetiza tal relação: “[...] a memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia” (2001, p. 481).

⁹ Somam-se outras ações: Ecléa Bosi criou na USP o Projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, atual 60+, com disciplinas regulares e atividades para o referido público, a quem registro homenagem.

HUACA¹⁰ PUCLLANA: A VOLTA DO PASSADO

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. [...] ocorrem as lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 2001, p. 48)

Quem visita o Peru, em geral, vai a Cusco e a Machu Picchu e poucos, às linhas de Nazca. Porém, o país conta com muitos bens listados como Patrimônio Mundial¹¹. Cusco foi fundada, para alguns no século 11, para outros, no seguinte. Em 1933, foi reconhecida como a “Capital Arqueológica da América” e, em 1978, como a “Herança Cultural do Mundo”. Em 1983, Cusco foi incluída pela UNESCO, Patrimônio Cultural da Humanidade. Situa-se a sudeste no Vale dos Incas, a mais de 1.500 km de Lima e de 3 mil metros de altitude, tendo sido no século 16, capital do Império Inca, e sob o jugo espanhol, no 19, como centro do Vice-Reino do Peru. Ali está o Santuário Histórico de Machu Picchu, listado como uma das sete Maravilhas do Mundo Moderno (UNESCO).

¹⁰ Huaca indica ter sido um local religioso, na língua quéchua, de antigos povos da região.

¹¹ São bens listados pela UNESCO como Patrimônio Mundial do Peru (1983-2021): Santuário Histórico de Machu Picchu (1983); Cidade de Cuzco (1983); Parque Nacional de Huascarán (1985); Sítio Arqueológico de Chavin (1985); Zona Arqueológica de Chan Chan (1986); Parque Nacional de Manú (1987); Centro Histórico de Lima (1988, 1991); Parque Nacional do Rio Abiseo (1990, 1992); Linhas e Geoglifos de Nazca e das Pampas de Jumana (1994); Centro Histórico da Cidade de Arequipa (2000); Cidade Sagrada de Caral-Supe (2009); Qhapaq Ñan, Caminhos Incas (2014) (a unir Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Equador); Complexo arqueoastronômico de Chankillo (2021).



Figura 6: Santuário Histórico de Machu Picchu. PER. Foto A. 23 jul. 2023.

Cusco foi invadida em 1532 por Francisco Pizarro (1476-1541) a mando do rei espanhol e com apoio da Igreja Católica. Como se observa, isto ocorreu logo após os clamores do padre dominicano Martinho Lutero (1483- 1586) contra a venda de indulgências pela então Igreja Cristã do Ocidente¹², sediada em Roma. Nesse quadro, a reação da Igreja visava coibir revoltas, no chamado Novo Continente, hoje América Latina.

O Santuário Histórico de Machu Picchu, como o da Huaca Pucllana, desde o século 19, foi alvo de buscas arqueológicas, visando investigar e conservar o passado. Este local havia sido rico em metais, em particular em ouro e outros bens, obtidos por trabalho forçado e que permitiu domínio no mundo de mercados e de vários territórios, em diversos continente, como bem sintetiza Aníbal Quijano (1928-2018):

[...] A privilegiada posição ganhada com a América pelo controle do ouro, da prata e de outras mercadorias produzidas por meio do trabalho gratuito de índios, negros e mestiços, e sua vantajosa localização na vertente do Atlântico por onde, necessariamente, tinha de ser realizado o tráfico dessas mercadorias para o mercado mundial, outorgou aos brancos uma vantagem decisiva para disputar o controle do comércio mundial [...] (2005, p. 119).

¹² Lutero, em 1517, redigiu 95 teses para justificar sua condenação à referida comercialização e, em 1520, ao receber a Bula Papal que o excomungava, queimou-a, gerando a então Reforma Protestante.

O chamado Santuário Histórico de Machu Picchu situa-se nos Andes, em istmo entre duas montanhas, com construções de pedras, em blocos de granito. Trata-se de território e região entre falhas geológicas, logo sujeita a terremotos, mas os remanescentes em grande parte vêm resistindo. As construções têm uma clara delimitação em duas áreas, sendo uma destinada à agricultura e a outra às residências.

As linhas de Nazca reúnem incisões e se situam a 450 km ao sul do Peru, perto do Pacífico. No século 20 pesquisadores tentaram entender as enormes figuras, desenhadas em montanhas e planícies no deserto, chamadas de Geoglifos. Dominam formas de animais, pessoas, plantas, além das geométricas com mais de 30 metros, que só podem ser admiradas em voos gerando inquietações acerca da origem: visariam atos da fé religiosa andina; sendo um deserto estariam voltadas para atrair a chuva; comporiam ritos cerimoniais; e, mesmo, marcariam certas passagens do tempo, como um calendário? Entre tais estudiosos, destaque para a alemã Maria Reiche (1903-98), que atuou nesse bem por 40 anos, trabalho este reconhecido.

Em que pese o renome de Cusco, Machu Picchu, sendo esta viagem uma volta ao Peru, preferi analisar neste estudo outro bem cultural, a Huaca Pucllana¹³, anterior aos Incas. Encontra-se em um dos bairros mais caros e onde se concentram hotéis, Miraflores, da capital peruana. Desta forma, esta Huaca, forma um imenso conjunto de pedras, em contraste com a vida cotidiana. Advém do período entre 200 e 600 a.C., fazendo parte da chamada Cultura Lima. Um enorme tronco de pirâmide domina a paisagem com detalhes construtivos singulares, obra do povo Wari atuantes entre 600 e 900 d.C.¹⁴.

¹³ Uma entre as hipóteses mais difundida acerca do nome Pucllana, atribui a origem à palavra “*pucllay*” que em língua quíchua se refere a jogar e brincar.

¹⁴ Como se define no site “Arqueologia do Peru”, com nomes aqui mantidos no original, em espanhol, outra divisão temporal seria: “*Precerámico Temprano*” (12.000 a 5.000 a.C.), aportam povos nômades; “*Precerámico Medio*” (5.000 a 3.000 a.C.), grupos se tornam sedentários, iniciam agricultura e domesticam animais; “*Precerámico Tardío*” (1.800 a 3.000 a. C.) aparece arquitetura monumental e residencial; “*Inicial*” (1.800 a 1.200 a. C) surge a cerâmica e povos regionais, como Cupisnique, Pacopampa, Munchay; “*Horizonte Temprano*” (1.200 a 200 a. C.) ressalta-se a Cultura dos povos Chavin, com arte cerâmica, pedras e telas; Paracas com tecidos; “*Intermedio Temprano*” (600 a 200 a. C.) há obras de irrigação e a Cultura Charin deca; aparecem Mochica, Lima, Nazca, Cajamarca, Recuay e Pucará; “*Horizonte Medio*” (600 a 900 d. C.) início e desintegração da Cultura Wari; “*Intermedio Tardío*”

Em fevereiro de 2013, a arqueóloga Isabel Flores Espinoza¹⁵ e equipe descobriram uma múmia de adulto e outra de criança, que não haviam sido saqueadas como outras, isto na sexta plataforma da pirâmide, situada a 22 metros no Sítio Arqueológico Huaca Pucllana. Os remanescentes ao serem localizados se encontravam encobertos por tecido de junco, e o adulto seria presumivelmente da elite, cercado por vários objetos. Segundo Espinoza, declarou à imprensa, acompanhavam *cuyes* (porquinhos-da-índia), *chicha morada* (milho roxo), vasilhas em forma de garrafa, abóboras com desenhos de felinos correndo, tecidos e bolsas com restos vegetais, em consonância aos ritos destinados às classes sociais privilegiadas.



Figura 7: Pirâmide na Huaca Pucllana com peças de adobe. PER. Foto A. 22 jul. 2023.

(900 a 1.450 d. C.) grupos regionais se fortalecem, como Chimú, Chancay, Ichma, Chincha, Ica, Xauxa, Huanca, Chanca e os Incas; “*Horizonte Tardío*” (1.450 a 1532 d. C.) domínio do Império Inca.

¹⁵ De acordo com a Municipalidade, a professora Isabel Flores Spinoza, formou-se em História, Geografia e Arqueologia, pela *Universidad Nacional Mayor de San Marcos/Lima* e exerceu cargos diretivos no Instituto Nacional de Cultura (1972 a 1991), na área de Conservação e Restauração de Bens Culturais. Desde o início firmou convênio entre a Municipalidade e o referido Instituto, hoje Ministério.

O resultado encontrado coroou pesquisas de Flores Espinoza iniciadas em 1967, data das primeiras escavações, sempre muito criteriosas. A arqueóloga além de trabalho sistemático no local, reuniu diferentes equipes interdisciplinares e mobilizou órgãos públicos em esforço para suspender o esquecimento desse passado. Essa Huaca seria utilizada como centro cerimonial característico do período, com sacrifício humano, similar ao que ocorrera com outros povos, em particular no Egito.

Como informam no site do Museu de Sítio Pucllana, estima-se que o tronco de pirâmide tenha sido erigido há 1.800 anos, com sete plataformas, em adobe, feito à mão e disposto em fileiras verticais para sustentação do peso e orientada do sudoeste ao nordeste. Adicionam que, inicialmente, o conjunto foi composto por várias pirâmides, praças, pátios e rampas em zigue-zague, com uma série de fendas destinadas às tumbas. A parte de residência não foi conservada, e talvez, tenha sido muito saqueada, até o início da preservação.

Outro recurso a ser sublinhado se volta às paredes levemente inclinadas para sustentação do peso, alinhadas por argamassa na base e no topo, parecendo livros em estante. Informe que sempre se reitera, alude que o estudioso Pedro Villar Córdova (1900-76), nomeou o processo construtivo de “técnica de livreiro”, em texto de 1935. O conjunto entre fendas, inclinações e material pode ter colaborado para a resistência aos inúmeros terremotos no Peru.

Segundo postagem do Museu, em 1981, a municipalidade de Miraflores deu um passo decisivo ao oficializar o nomeado “*Proyecto de Investigación, Conservación y Puesta en Valor Huaca Pucllana*”. Este decorreu do Fórum, “Miraflores 2000”, efetuado no ano de 1980, quando se incluiu compromisso público para se obter recursos destinados às escavações sistemáticas, logo iniciadas, gerando, em 1984, a criação do singelo e funcional Museu de Sítio Pucllana.

De imediato Flores Espinoza lutou para reverter o que desde a década de 1940 ocorria: loteamento da área para assentamento humano, mas também uso como depósito de lixo e prática de motocross. Em 1981 aliou-se a estudantes de arqueologia de Arequipa, para escavações, mas, igualmente, lutou junto à municipalidade para

realocar famílias que residiam na Huaca, passos simultâneos e importantes de extensão social e, também, para enraizar a ação, junto à comunidade.

Em 1984 a arqueóloga inaugurou o Museu de Sítio Pucllana, para salvaguardar e investigar os achados, expressivos para entender a chamada Cultura Lima, ativa em cerca de 200 a 600 d.C., que nomeia a capital. O acervo possui as peças reveladas nas escavações, a incluir cerâmica, tecidos, roupas, máscara e objetos de pedra, madeira. Também lá se fixaram os Wari no período seguinte, de 700 a 1.000 d.C., depois os Yschma atuantes na etapa compreendida em cerca de 1.000 a 1.450 d.C..



Figura 8: Museu Sítio Pucllana. PER. Foto A. 22 jul. 2023.

Quando os espanhóis chegaram ao território, o conjunto já estava abandonado. A sistemática ação preservacionista, empreendida por Flores Espinoza, com apoio oficial do Estado, colaborou para sua divulgação e interesse, tanto interno quanto de visitantes de outros países. Pesquisa divulgada pelo Ministério de Comércio Exterior e Turismo (Mincetur) listou esta Huaca entre os dez espaços mais visitados, antes da pandemia, ou seja, entre janeiro e agosto de 2019¹⁶.

¹⁶ A reabertura controlada na pandemia foi anunciada quase um ano depois, ou seja, em 15 de outubro de 2020, modificando o fluxo de turistas, como divulgou o Ministério da Cultura peruano.

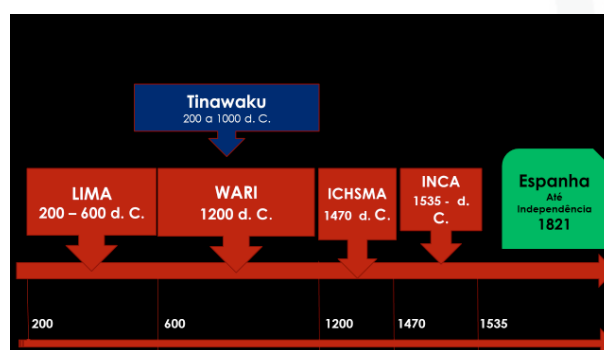


Figura 9: Síntese aproximada dos períodos andinos.

Divulgam que, durante a Cultura Lima a finalidade ‘cerimonial’ se dava no lado oeste no alto da pirâmide, em que se supõe ser ali o local de cultuar seus deuses e antepassados; o setor ‘religioso’, mais restrito às figuras de castas e ofício religioso, onde se acharam cerâmicas quebradas; e o fim ‘administrativo’ na parte leste, com amplo local de reunião. Em cerca de 600 d.C. com a entrada dos Wari, estes escavaram fendas e passaram a usar o piso mais alto como cemitério. O conjunto fortalecia a identidade por meio da adoração, oferendas e sepultamentos.

As cerâmicas são do chamado “Estilo Praia Grande”, na Cultura Lima, marcado por uso de figuras marinhas, de peixes e serpentes geometrizados e entrecruzados, o que reforça ser ali um local religioso para pescadores e agricultores. Predominam fundo vermelho, também no interior das peças, associado ao preto e branco, lembrando este cromatismo a cerâmica do povo Marajoara, em nosso território.

O conjunto reunido em vários museus advém das muitas escavações e em Pucllana, segundo declaração de Flores, após 45 anos de atuação seguida, ainda restam 30% de áreas a serem trabalhadas e analisadas, dada a complexidade dos fatores envolvidos nesse território e o cuidado no trato com os achados. Estas terão continuidade, afrontando o esquecimento, não obstante, partes ainda permanecerão na obscuridade e valerá lembrar a afirmação de Paul Ricoeur:

Uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento [...], não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória. (2007, p. 40).

Neste caso, por certo, a constante ação de fatores preservacionistas gerará mais frutos e dificultará para que o esquecimento, novamente se instale, sendo ele a consequência da falta de cuidados, de apoio e, até, o avesso da memória renovada. Fica a memória assegurada ante continuidade e renovação de iniciativas propostas, o envolvimento de distintos públicos, o estímulo para dialogar com variados setores da comunidade, elaborar novas pesquisas aprofundadas e sistematicamente divulgadas, não apenas em fóruns especializados.

SOB A ENERGIA DO SOL

[...] a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração [...]. (BENJAMIN, 1987, p. 211)

Dia 21 de janeiro de 2006, chuva fina caía em “Tiwanaku: centro espiritual e político”, véspera de Evo Morales (1959) tomar posse de seu primeiro mandato como presidente da Bolívia, ato este repetido nos anos e solenidades seguintes, documentados em inúmeras mídias pelo mundo. Como se consagrou, o Sítio se encontra situado a 3.850 metros acima do mar, junto ao Lago Titicaca, 72 quilômetros da capital administrativa, La Paz. A tentativa de trazer o sol, foi realizada por povos originários, da mesma etnia Aymará, espalhando areia fina ao redor, para atrair a energia do Sol. Como se documentou em variadas mídias, Morales vestia trajes típicos, a incluir tradicional chapéu cerimonial de seus antepassados, colar de flores, objeto ritualístico e música de raiz, associados ao clamor do presidente eleito: “Salve a Bolívia”.



Figura 10: Porta do Sol. Parte Posterior. Figura 11: Pirâmide Akapana. “Tiwanaku: centro espiritual e político”. BOL. Foto A. 28 jul. 2023.

A escolha de Morales e sua equipe para a cerimônia deve ter levado em conta toda essa simbologia, que se volta às ligações de reminiscências conectadas ao tempo presente, à valorização dos povos originários, distantes do poder e esquecidos, por longo período. Encontra-se situada entre duas montanhas tidas como sagradas, a de Pukara e Qullqi Q'awa. Esses fatores reforçam a tradição oral sobre o local, já que não possuíam escrita, remetendo ao passado, seja pela localização e seu posicionamento no centro da Porta do Sol, no Templo de Kalasasaya, também ao exaltar a natureza local e sua identidade Aymará.

A Porta do Sol, que serve de entrada ao Templo de Kalasasaya foi erigida em pedra única, com 4 x 2,975 metros de altura e apresenta na parte central a representação de Viracocha, deidade cultuada nas terras andinas. Como em tantas outras civilizações, a lenda, para estes, esclarece que essa deidade mora no Lago Titicaca, tendo criado o sol, a lua, as pessoas e o próprio cosmo. A figura acima do portal tem uma cabeça com 24 raios, com felinos nas pontas; dos olhos pendem lágrimas; ela se encontra apoiado sobre uma Pirâmide, tendo em cada mão um tipo de cetro, individualizando o poder e cuja ponta apresenta cabeças de condor e puma. Há hipóteses de que essa decoração seria uma espécie de calendário, pois no centro, em 21 de junho, se situa o solstício de inverno e é, também, quando se comemora o ano novo desse povo.

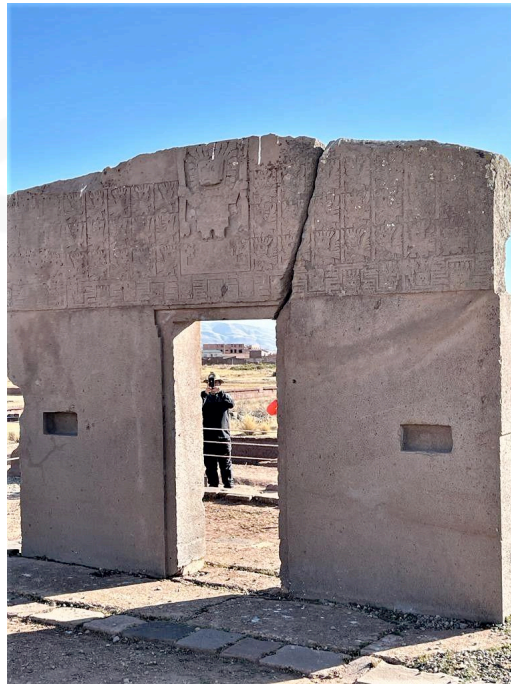


Figura 12: Porta do Sol. “Tiwanaku: centro espiritual e político”. Vista com relevos. Detalhe. BOL. Foto: Rosa Donato¹⁷, 28.07.2023.

Reza a tradição que Tiwanaku foi citada pela primeira vez em “Conquista do Peru” (1553), do espanhol Pedro Cieza de León (1520-54), por ele denominada Tiaganaco. Pioneiro no relato sobre a conquista da Colômbia Equador, Peru e Bolívia, descreveu também aspectos físicos e regionais, a incluir o nome dado à cidade pelos Aymará, que significa “pedra no centro”, aludindo à crença de que ali estava o centro do mundo. Cieza refere-se também às grandes esculturas.

Más adelante diste cerro están los ídolos de piedra del talle y figura humana, muy primamente hechos y formadas las ficciones; [...]; son tan grandes que parecen pequeños gigantes, y vece que tienen forma de vestimentas largas, diferenciadas de las que vemos a los naturales de estas provincias; en las cabezas parece tener su ornamento. (CIEZA, p. 345).

Um desses gigantes situa-se no templo de Kalasasaya, nomeado pelos espanhóis por *El Fraile* (O Frade), considerado “Deus da Água”, tendo um cinturão com temática alusiva. Feito em pedra com 3 metros de altura, possui elementos geométricos em

¹⁷ Agradeço à colega Rosa Donato pela imagem, importante para o texto.

faixas, principalmente na cabeça. Este gigante foi identificado por “Ponce”, em homenagem ao arqueólogo boliviano Carlos Ponce Sanginés (1925-2005), que o localizou em 1957.



Figura 12: Monólito no Interior do Templo Kalasasaya/ Tiwanaku. BOL. Foto A. 28 jul. 2023.

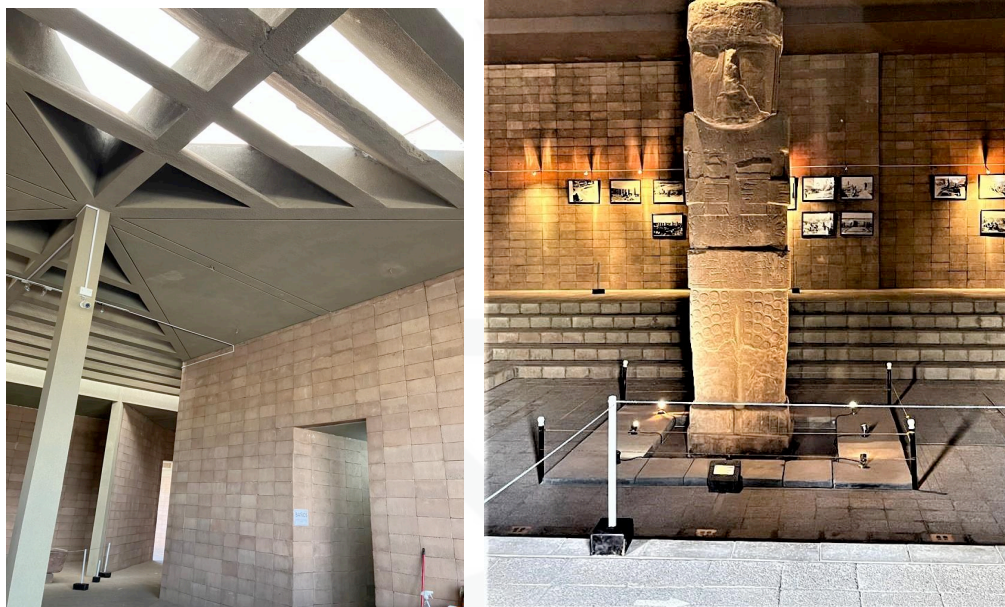
Vale lembrar que a região, talvez uma entre as mais antigas das Américas, conforme se registra nos estudos, fora sede política e religiosa, tendo ampliado seu poder antes dos Incas (1438-1572). Compreendeu a parte ocidental da Bolívia, a costa litoral do Chile, desde Copiacó ao deserto de Atacama. Segundo a tradição, a Cultura se iniciou nas margens do lago Titicaca em 1580 a.C., tendo desaparecido, possivelmente por volta de 1200 d.C., por fatores ainda em investigação, com hipóteses como inundação, ou severa seca. O Templo de Kalasasaya, cujo nome em Aymará significa “pedra parada” tem muro externo de granito e interno de basalto.



Figura 13: Vista de muro do Templo Kalasasaya em “Tiwanaku: centro espiritual e político”, com pedras e encaixes cuidadosamente talhados. BOL.. Foto A. 28 jul. 2023.

Em Tiwanaku, há o Museu Lítico com outro monólito, dito “Bennett”, também nomeado Pachamama (Mãe Terra) com 7,20 metros de altura. O nome alude a Wendell Bennett (1905-53), arqueólogo do Museu de História Natural de Nova Iorque, que o achou em 1932. Possui coroa, relevos de formas geométricas nas pernas, cinturão, no ventre. Ao ser descoberto, logo foi transferido de trem para La Paz (1933), sendo instalado ao lado do Estádio e apenas há pouco voltou a Tiwanaku, ficando no interior do Museu Lítico, aqui fixado da parte exterior, pois, não permitem fotografar no interior, talvez para segurança de peças valiosas ali mantidas, posto que tal restrição vem sendo alterada na atualidade¹⁸.

¹⁸ O flash em geral pode causar danos às cores e a proibição se relacionava a aqueles que exalavam fumaça. Se não se registra com flash, se pode documentar obras em museus, haja vista os inúmeros registros em várias mídias encontrados da célebre tela de Leonardo da Vinci, a “Mona Lisa”.



Figuras 14 e 15: Museu Lítico. Entrada e monólito de Bennett, imagem feita do exterior. “Tiwanaku: centro espiritual e político”. BOL. Foto A. 28 jul. 2023

Atualmente a municipalidade de Tiwanaku abrange três cidades com 23 comunidades, e cerca de 12 mil pessoas que vivem no próprio sítio arqueológico e em seus entornos imediatos e, como em Pucllana, são consultadas, a cada nova intervenção. De acordo com a lenda de Aymará, os ancestrais esconderam o monumento mais emblemático de Tiwanaku, a “Porta do Sol”. Este seria um segredo importante que salvaria a humanidade quando ela atingisse a beira do abismo.



Figura 16: Templo Subterrâneo de Kalasasaya. Muro com cabeças esculpidas. “Tiwanaku: centro espiritual e político”. BOL. Foto: Maria Eterna Vasconcelos¹⁹, 28 jul. 2023.

Evidências em objetos, instrumentos e ferramentas encontrados dão conta que, além do comércio, extraíam minerais abundantes na região, com destaque ao cobre muito usado para fabricar peças de adorno e utensílios. Considerado pela UNESCO, em 2000 como Patrimônio da Humanidade por ser “[...] testemunho impressionante do poder do império que desempenhou um papel de destaque no desenvolvimento da civilização pré-hispânica andina”.

Desde a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural Natural, de 1972, foram estabelecidos entre os membros vários quesitos para se atingir esse estatuto. No caso de “Tiwanaku: centro espiritual e político”, houve ênfase nos de número III e IV do referido órgão, a saber: “III. Prestar um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida; IV. Ser um exemplo notável de um tipo de edifício, conjunto arquitetônico ou tecnológico ou paisagístico que ilustre (uma) etapa(s) significativa(s)

¹⁹ Renovo agradecimentos à colega Maria Eterna Vasconcelos pela foto do muro, que esclarece características explicadas no texto.

na história da humanidade” - UNESCO. Tal iniciativa requer inúmeros compromissos das instâncias locais, ao lado de suscitar recursos de Fundo do próprio órgão internacional, o que também valoriza a difusão do bem cultural.



Figura 17: Porta do Sol. “Tiwanaku: centro espiritual e político”. Vista posterior. Detalhe. BOL. Foto de Claudio D’Almeida²⁰, 28.07.2023.

Pesquisas arqueológicas subaquáticas, desde 2008 e recentes (2019) no Recife K'hoja, perto da Ilha do Sol, no Lago Titicaca localizaram artefatos como medalhões de ouro, com divindades tendo rosto radiante, imagem esta próxima à central da Porta do Sol; placas de metal com figuras fundido animais, como puma e lhama; esculturas de pedra na forma de puma, em lápis-lazúli; pingente de turquesa; queimadores de incenso de cerâmica, além de restos animais sacrificiais, o que reforça a hipótese de que havia peregrinações de Tiwanaku à Ilha do Sol, situada a 20 quilômetros de distância.

Como divulgou a revista *Proceedings of National Academy of Sciences*, as oferendas foram realizadas ao longo dos séculos 8 e 10 d.C., conforme datação efetuada por meio de carbono. As evidências de atividades religiosas explicam o que antes se consagrou, sobre a existência de grande população, estimada em 30.000 pessoas no

²⁰ Sou grata ao colega Claudio D’Almeida pela foto, significativa para ampliar este contexto.

auge dessa civilização. Arqueólogos informam que povo Aymará continua realizando o sacrifício de lhamas, seguindo a tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amplo trabalho preservacionista, no Peru e na Bolívia, objeto deste estudo, impressiona mais do que o sempre divulgado número de turistas, ou os recursos angariados dentro e fora do país. Implica em respeito à representatividade de inúmeros povos originários, boa parte ainda mantendo suas tradições. Raros são os museus ali localizados que compreendem edificações espetaculares, concentrando-se em abrigar, investigar o material arqueológico e fornecer informações de seu entorno. Assim, concentram nos sítios arqueológicos a atenção do visitante, desafiado a se deslocar a outra época, nos dois casos em exame, anterior aos Incas.

Bolívia e Peru antecederam outros povos na valorização das variadas línguas mantidas pelas etnias de povos originários. Este patrimônio merece atenção, considerando-se que cada nova geração recebe tal bem cultural, no cotidiano familiar, independente de recursos financeiros. A atitude pode colaborar na inserção escolar e social das crianças, gerando autoestima por suas raízes, logo respeito ante o passado, ambos fundamentais para desenvolvimento da personalidade.

Os resultados de atos diversificados e estendidos às variadas camadas populacionais ante o legado do passado espelham a seriedade de se implantar e sempre atualizar as atividades e ações, em espaços de recordação, reminiscência, lembranças e memória. No trato com a cultura e suas habituais disputas intrínsecas e comuns pelo poder, criar apenas um local como espécie de vitrine, saudada com belas palavras, pouco avança para enraizá-lo junto ao público, até da vizinhança.

Como se viu, o patrimônio para ser posto em valor, demanda atos sistemáticos, iniciativas inventivas e continuadas com público, somados, às trocas com pessoas das cercanias, que se tentou mostrar nos dois estudos de casos selecionados. Podem sim, com tal atuação, se transformar em lugares fundantes para se propagar valores básicos da humanidade, romper fronteiras e, desta forma, aprender com inúmeros

erros e acertos que cercam a vida dos inúmeros povos, exigindo disposição para se rever a História há muito consagrada, não raro de poucos.

As várias atividades, executadas nesses complexos culturais, sejam em ruínas, sítios arqueológicos ou em museus exigem superação do simples desejo de projeção e pessoal. Por outra face, quando esses locais permanecem e ampliam suas potencialidades por ação de novas personagens, como se procurou documentar, favorecem a reconciliação com o passado e a análise crítica sobre as diferenças, precípuas ao humano, como motivação para mudar. Incluem-se também, a apreciação sobre como se reparar aspectos do presente, em variadas áreas, desde a da cultura material até a dos valores, que fundamentam os humanos, nas melhores versões.

Os muitos porquês do apreço ou o desprezo ao passado, em distintos territórios chamam a atenção e, há muito, renascem atrações sobre a antiguidade humana, animal e do próprio cosmo. Em particular, mudanças de rumo, doenças, pestes, dissabores, guerras e confrontos geram voga sonhadora de volta a um passado, não raro idealizado como mais reluzente e perfeito, sendo o período após a segunda Guerra bastante explicativo desse fato. O tempo passado se visto em aspectos diversos pode iluminar o presente e retrazar identidades aviltadas, assim como dar voz aos que foram calados. Ciça, 19 de setembro de 2023, quase Primavera.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica. Arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-211.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2 ed. São Paulo: T. A. Queirós: EDUSP, 1987.
- FELDMANN, Andreas E.; MERKE, Federico; STUENKEL, Oliver. *Argentina, Brazil and Chile and democracy defense in Latin America: principled calculation. International Affairs, Oxford*, v. 95, n. 2, p. 447-467, mar. 2019.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi: Memória-História*. Porto/POR: Imprensa Nacional, 1997, p. 11-50.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Fontes eletrônicas e sites

A VELOCIDADE com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 9 ago. 2023. ANTECEDENTES. *Huaca Pucllana Miraflores. Museo de Sitio Pucllana*. Disponível em: <http://huacapucllanamiraflores.pe/antecedentes/>. Acesso em: 10 set. 2023

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica. Arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*, 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 (197-211). Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/O-Narrador_Walter-Benjamin-1.pdf/. Acesso em: 2 ago. 2023.

CARMO, Marcia. *Evo Morales toma banho de energia antes da posse*. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/060121_bolivi-aritualmb/. Acesso em: 13 ago. 2023.

CIEZA de LÉON, Pedro. *La crónica del Perú. Crónicas del América 4. Edición de Manuel Ballesteros*. 2022 [1553]. Disponível em: <https://tintaguerreresdotcom.files.wordpress.com/2022/10/la-cronica-del-peru-pedro-cieza-de-leon.pdf/>. Acesso em: 10 set. 2023.

COMISSÃO Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). *“Os povos indígenas na América Latina: avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos*. 2014. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37773/1/S1420764_pt.pdf/](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37773/1/S1420764_pt.pdf). Acesso em: 14 ago. 2023.

CONTITUCIÓN Política del Estado Plurinacional Boliviano. Disponível em: https://www.oas.org/dil/esp/constitucion_bolivia.pdf/. Acesso em: 12 jun. 2023.

CONVENÇÃO para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural Natural. UNESCO, 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf/>. Acesso em: 9 ago. 2023.

LOS INCREÍBLES andenes circulares de Moray. Disponível em: <https://peru.info/es-pe/turismo/noticias/3/16/los-increibles-andenes-circulares-de-moray/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CRUZ, Paulo; JOFFRE, Ricardo; VACHER, Jean J. *Uma paisagem religiosa pré-hispânica no árido altiplano andino da Bolívia*. Publicado online pela Cambridge University Press: 11 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/antiquity/article/prehispanic-religious-landscape-on-the-arid-andean-altiplano-of-bolivia/F0BC5A0A86982AE6E8DEB8E6679939D6/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GONZÁLEZ, Maria Eugenia. *Tiwanaku, entre el cielo y la tierra*. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark%3A/48223/pf0000265365/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

INSTITUTO Geofísico del Perú (IGP). *Noticias*. “IGP afirma que el Perú es un país de terremotos”, 28 mayo 2021. Disponível em: <https://www.gob.pe/institucion/igp/noticias/495487-igp-afirma-que-el-peru-es-un-pais-de-terremotos/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

LENZ, Lucia Iglesias. Os segredos de Tiawanaku revelados por um drone. *Correio da UNESCO*, 2018, 3. Disponível em: <https://pt.unesco.org/courier/2018-3/os-segredos-tiawanaco-revelados-um-drone>. Acesso em: 13 ago. 2023.

LEÓN, Lucas Pordeus. Constituição brasileira é traduzida pela primeira vez para língua indígena. *Agência Brasil*, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-07/constituicao-brasileira-e-traduzida-pela-1a-vez-para-lingua-indigena/>. Acesso em: 20 ago. 2023. LISTA do Patrimônio Mundial da Bolívia/UNESCO. Disponível em: <https://whc.unesco.org/es/list/?iso=bo&search=&/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LISTA do Patrimônio Mundial do Peru/UNESCO. Disponível em: https://whc.unesco.org/es/list/?action=list&search=Peru&searchSites=&search_by_country=®ion=&type=&criteria_restriction=&description=&order=/. Acesso em: 10 ago. 2023.

MACEDO, Danilo. Um dia antes da posse Evo Morales visita Ruínas e pede retorno ao equilíbrio. *Agência Brasil*, 21 jan. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-01/um-dia-antes-da-posse-evo-morales-visita-ruinas-e-pede-retorno-ao-equilibrio/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MAPA do bem inscrito: Delimitação “zona de monumentos arqueológicos”; Escala: 1:1.500. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/documents/106919/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MINISTERIO de Comercio Exterior y Turismo (Mincetur). *Noticias*. “Los 10 atractivos turísticos más visitados en el Perú”. Disponível em: <https://www.gob.pe/institucion/mincetur/noticias/51966-los-10-atractivos-turisticos-mas-visitados-en-el-peru/>. Acesso em: 26 ago. 2023.

MINISTERIO de Cultura. *Noticias*. *Ministerios de Cultura abre museos y sitios arqueológicos en diversas regiones del país*. Disponível em:

<https://www.gob.pe/institucion/cultura/noticias/307347-ministerio-de-cultura-abre-museos-y-sitios-arqueologicos-en-diversas-regiones-del-pais/>. Acesso em: 26 ago. 2023.

MUNICIPALIDADE de Miraflores. Noticias. “Notable arqueóloga tacneña Isabel Flores Espinoza recibirá la Medalla Cívica de la Ciudad de Miraflores en reconocimiento a su labor en el rescate y puesta en valor de la histórica Huaca de Pucllana. 30.08.2020. Disponível em: <https://www.miraflores.gob.pe/arqueologa-isabel-flores-espinoza-recibira-la-medalla-civica-de-la-ciudad-de-miraflores/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MUSEO de Sitio Huallamarca. Disponível em: <https://museos.cultura.pe/museos/museo-de-sitio-huallamarca/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MUSEO de Sitio Pucllana. Folheto. Disponível em: <http://huacapucllanamiraflores.pe/wp-content/uploads/2015/10/folleto.png/>. Acesso em: 11 jul.2023.

MUSEO de Sitio Pucllana. Proyecto de Investigación. Disponível em: <http://huacapucllanamiraflores.pe/722-2/>. Acesso em: 12 jul.2023.

NOLE, Luis Silva. *Isabel Flores, la dama de la Hueca Pucllana*. In: *El Comercio*, Lima/PER, 12 feb. 2016. Disponível em: <https://elcomercio.pe/lima/isabel-flores-dama-huaca-pucllana-272209-noticia/>. Acesso em: 10 jul.2023

PASTORE, Fortunato. “*Tiahuanaco: Pacarina dos povos andinos*. As visões dos cronistas coloniais”. In: *Anais – I Congresso de América Colonial – Historiografia, Acervos e Documentos Laboratório de Estudos Americanos – LEA Campinas*, ago. 2017. Disponível em: <https://leunicamp.files.wordpress.com/2017/12/fortunato-pastore.pdf/>. Acesso em; 13 ago. 2023.

PONCE SANGINÉS, Carlos. *Tiwanaku: Espacio, Tiempo y Cultura*. [S.l.]: Academia Nacional de Ciencias de Bolivia, 1971. Disponível em: <https://arqunmhistoria.files.wordpress.com/2016/03/ponce-sangines-carlos-tiwanaco-espacio-tiempo-y-cultura.pdf/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

PUEBLOS Originários. *El Sitio de Tiwanaku: Templo de Kalasasaya*. Disponível em: <https://pueblosoriginarios.com/sur/andina/tiwanaku/ponce.html/>. Acesso em: 9 set.2023.

PROYECTO de Investigación (1981-2020). *Museo de Sitio Pucllana*. Disponível em: <http://huacapucllanamiraflores.pe/722-2/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade e eurocentramento do capitalismo mundial*. 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf/. Acesso em: 8 set. 2023

- RECONSTRUCCION Ideal de Área Cívico-Cerimonial de Tiwanaku*. Disponível em:
https://www.tiwy.com/pais/bolivia/tiwanaku/viewphoto.phtml?tiwanaku_mapa/. Acesso em: 13 ago. 2023.
- RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. A versão original desta conferência foi escrita e proferida em inglês por Paul Ricoeur a 8 de março de 2003 em Budapeste sob o título “*Memory, history, oblivion*” no âmbito de uma conferência internacional intitulada “*Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism*”. Disponível em:
https://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia/. Acesso em: 20 ago. 2023.
- SÍTIO Arqueológico Tiwanaku. Disponível em: <https://ilamdir.org/recurso/5350/sitio-arqueol%C3%B3gico-de-tiwanaku/>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- STANISCH, Christophe et al. Oferendas rituais subaquáticas na Ilha do Sol e a formação do estado de Tiwanaku. *Proceedings of National Academy of Sciences*. Disponível em:
<https://www.pnas.org/doi/abs/10.1073/pnas.1820749116/>. Acesso em: 11 maio 2023.
- TAVERA VEGA, Lizardo. *Pucllana SÍTIOS Arqueológicos*. Disponível em:
<https://www.arqueologiadelperu.com.ar/>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- TEIJEIRO Villarroel, José. *Ideografía y simbolismo en la puerta del sol*. Disponível em:
HYPERLINK <http://www.semanarioaqui.com/index.php?start=930/>. Acesso em: 16 ago. 2023